



BERLIN

A QUEDA - 1945

Antony Beevor

CRÍTICA

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

BERLIM

A QUEDA - 1945

Antony Beevor

Tradução

Rafael Rocca dos Santos

Revisão técnica

Bruno Leal Pastor de Carvalho

CRÍTICA

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Antony Beevor, 2002
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2026
Copyright da tradução © Rafael Rocca dos Santos, 2025
Todos os direitos reservados.
Título original: *Berlin: The downfall 1945*

Preparação: Thais Rimkus e Lígia Alves
Revisão técnica: Bruno Leal Pastor de Carvalho
Revisão: Ana Maria Fiorini, Caroline Silva e Valquíria Matioli
Diagramação: Negrito Produção Editorial
Design de capa: Daniel Justi
Foto de capa: Raising a flag over the Reichstag by Yevgeny Khaldei © Shawshots /
Alamy / Fotoarena

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Beevor, Antony

Berlim : a queda, 1945 / Antony Beevor ; tradução Rafael Rocca dos Santos ;
revisão técnica Bruno Leal Pastor de Carvalho. – São Paulo : Planeta do Brasil, 2026.
560 [16, 24] p. ; il.

Bibliografia

ISBN 978-85-422-3964-5

Título original: Berlin: The downfall 1945

1. Guerra Mundial, 1939-1945 2. Alemanha – História I. Título II. Santos, Rafael
Rocca dos III. Carvalho, Bruno Leal Pastor de

25-4985

CDD 940.53

Índice para catálogo sistemático:

1. Guerra Mundial, 1939-1945

Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2026

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação
São Paulo – SP – CEP 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

Acreditamos nos livros

Este livro foi composto em Adobe
Garamond Pro e impresso pela Lis
Gráfica para a Editora Planeta do
Brasil em dezembro de 2025.

SUMÁRIO

Lista de ilustrações	7
Prefácio	11
1. Berlim no Ano-Novo	17
2. O “castelo de cartas” do Vístula	29
3. Fogo, espada e a “nobre fúria”.	43
4. A grande ofensiva de inverno	59
5. A investida ao Oder	79
6. Leste e oeste	101
7. Limpando a retaguarda.	123
8. A Pomerânia e as cabeças de ponte do Oder	145
9. Objetivo Berlim	169
10. A <i>Kamarilla</i> e o Estado-Maior	183
11. Preparando o <i>coup de grâce</i>	203
12. À espera do ataque	213
13. Os norte-americanos no Elba	233
14. A véspera da batalha	251
15. Júkov no contraforte de Reitwein	263
16. Seelow e o Spree	283
17. O último aniversário do Führer	301
18. O voo dos faisões-dourados	315
19. A cidade bombardeada	337
20. Falsas esperanças.	349

21. Lutando na cidade	371
22. Luta no bosque.	391
23. A traição da vontade.	403
24. <i>Führerdämmerung</i>	421
25. A Chancelaria do Reich e o Reichstag.	439
26. O fim da batalha	457
27. <i>Vae Victis!</i>	479
28. O homem no cavalo branco	497
Glossário	509
Referências	513
Notas	517
Bibliografia selecionada	551

BERLIM NO ANO-NOVO

No Natal de 1944, os berlinenses, abatidos pela pouca comida e pelo estresse, tinham pouco a comemorar. Por causa dos bombardeios, grande parte da capital do Reich havia sido basicamente reduzida a escombros. O talento da população local para piadas de humor ácido ganhara naquela época pouco festiva um tom mórbido, do tipo “seja prático: presenteie com um caixão”.

O clima na Alemanha havia mudado precisamente dois anos antes. No fim de 1942, circulavam rumores de que o 6º Exército do general Paulus tinha sido cercado no Volga pelo Exército Vermelho, e foi difícil para o regime nazista admitir que a maior formação de toda a Wehrmacht estava fadada à aniquilação nas ruínas de Stalingrado e nas estepes congeladas. A fim de preparar o país para más notícias, Joseph Goebbels, ministro do Reich para Esclarecimento Popular e Propaganda, anunciou um “Natal alemão”, o que em termos nacional-socialistas significava austeridade e determinação ideológica, não velas e guirlandas ao som de “Stille Nacht, Heilige Nacht”. Em 1944, o tradicional ganso assado se tornara uma memória longínqua.

Nas ruas em que fachadas de casas desabaram, ainda se viam quadros pendurados nas paredes do que havia sido antes uma sala de estar ou um quarto. A atriz Hildegard Knef olhava para um piano exposto no que restara de um andar. Ninguém conseguiu alcançá-lo, e ela se perguntou quanto tempo levaria até que desabasse e se juntasse aos destroços abaixo. Mensagens foram registradas em prédios destruídos para

dizer a um filho que voltava da frente que a família estava bem e morando em outro lugar. Avisos do Partido Nazista advertiam: “Saqueadores serão punidos com a morte!”.

Os ataques aéreos eram tão frequentes – os britânicos à noite e os norte-americanos de dia – que os berlinenses acreditavam passar mais tempo em porões e abrigos antiaéreos que na própria cama. A falta de sono contribuía para a estranha mistura de histeria reprimida e fatalismo. Pouquíssimas pessoas pareciam se preocupar em ser denunciadas à Gestapo por derrotismo, conforme indicava a onda de piadas. Dizia-se que a sigla LSR (de *Luftschutzraum*, ou abrigo antiaéreo), presente em toda parte, significava “*Lernt schnell Russisch*”, ou “aprenda russo rápido”. A maioria dos cidadãos havia abandonado por completo a saudação “*Heil Hitler!*”. Quando Lothar Loewe, um rapaz da Juventude Hitlerista que estava longe da cidade, usou-a ao entrar em uma loja, todos se viraram para encará-lo. Foi a última vez que pronunciou essas palavras fora de serviço. Loewe descobriu que a saudação mais comum era “*Bleib übrig!*” – ou seja, “Sobreviva!”.

O humor também refletia as imagens grotescas, às vezes surreais, da época. A maior construção antiaérea de Berlim era o bunker do zoológico, vasta fortaleza de concreto armado da era totalitária dotada de baterias antiaéreas no telhado e enormes abrigos subterrâneos, na qual multidões se amontoavam quando as sirenes soavam. A comentarista Ursula von Kardorff descreveu-o “como um cenário da prisão em *Fidelio*”. Enquanto isso, casais apaixonados se abraçavam em escadas de concreto em caracol como se participassem de uma “farsa em um baile à fantasia”.

Pairava o clima difuso de derrocada iminente tanto da vida pessoal quanto da existência da nação. As pessoas gastavam dinheiro de forma imprudente, talvez presumindo que logo não valeria mais nada. E havia histórias, embora difíceis de confirmar, de meninas e mulheres jovens fazendo sexo com estranhos em cantos escuros nos arredores da estação do zoológico e no Tiergarten. Diz-se que o desejo de abandonar a inocência se tornou ainda mais urgente quando o Exército Vermelho se aproximou de Berlim.

Os próprios abrigos antiaéreos, iluminados com luzes azuis, podiam ser uma amostra de inferno claustrofóbico, pois as pessoas entravam embrulhadas em suas roupas mais quentes e carregavam pequenos

pacotes com sanduíches e garrafas térmicas. Em tese, todas as necessidades básicas eram atendidas nos abrigos. Havia um *Sanitätsraum* com uma enfermeira onde as mulheres podiam entrar em trabalho de parto. Este parecia ser acelerado pelas vibrações das explosões das bombas, que pareciam vir tanto do centro da Terra quanto do nível do solo. Os tetos foram pintados com tinta luminosa para as frequentes ocasiões em que, durante ataques aéreos, as luzes falhavam, diminuía e depois se apagavam. O abastecimento de água acabou quando os canos foram atingidos, e os *Aborte*, ou lavatórios, logo ficaram nojentos, uma verdadeira angústia para uma nação preocupada com higiene. Por vezes os banheiros eram fechados pelas autoridades porque muitas pessoas, deprimidas, trancavam a porta e lá cometiam suicídio.

Com cerca de 3 milhões de habitantes, Berlim não tinha abrigos suficientes; por isso, estavam geralmente superlotados. Nos corredores principais, nas salas de estar e nos quartos com beliches, o ar ficava denso pela concentração de pessoas, e a condensação pingava dos tetos. O complexo de abrigos sob a estação de metrô Gesundbrunnen fora projetado para receber 1.500 pessoas, mas, muitas vezes, havia mais que o triplo desse número. Velas eram usadas para medir os níveis de oxigênio. Quando uma vela colocada no chão se apagava, adultos pegavam crianças e mantinham-nas na altura dos ombros. Quando uma vela em cima de uma cadeira se apagava, começava a evacuação do andar. Se uma terceira vela, posicionada ao nível do queixo, começasse a crepitar, o bunker era evacuado, por mais intensos que fossem os ataques do lado de fora.

Os trabalhadores estrangeiros em Berlim – 300 mil pessoas fortes e identificáveis por uma letra pintada em suas roupas para designar seu país de origem – foram proibidos de entrar em bunkers e porões. Essa medida foi em parte uma extensão da política nazista de impedir que se misturassem com a raça alemã, e a preocupação primordial das autoridades era salvar a vida dos alemães. Trabalhadores forçados, em especial *Ostarbeiter*, ou trabalhador do leste – a maioria dos quais havia sido feito prisioneiro na Ucrânia e na Bielorrússia –, eram considerados dispensáveis. No entanto, muitos estrangeiros, alistados e voluntários, gozavam de um grau de liberdade muito maior que os desafortunados enviados aos campos. Os que trabalhavam em fábricas de armamentos

ao redor da capital, por exemplo, criaram seu próprio refúgio e uma subcultura boêmia com jornais e peças teatrais representadas nas profundezas da estação Friedrichstrasse. Seus ânimos melhoravam visivelmente à medida que o Exército Vermelho avançava, enquanto os de seus exploradores pioravam. A maioria dos alemães olhava para essa classe trabalhadora estrangeira com apreensão. Eles a viam como um cavalo de troia pronto para atacar assim que os exércitos inimigos se aproximassem da cidade.

Os berlinenses sentiam um medo atávico e visceral do invasor eslavo do leste, e esse sentimento logo se transformou em ódio. Conforme o Exército Vermelho se aproximava, a propaganda de Goebbels repetia as atrocidades cometidas em Nemmersdorf, quando as tropas do Exército Vermelho invadiram o canto sudeste da Prússia Oriental no outono anterior e estupraram e assassinaram os habitantes dessa aldeia.

Algumas pessoas tinham suas próprias razões para não quererem se abrigar durante um bombardeio. Conta-se a história de um homem casado que costumava visitar sua amante no distrito de Prenzlauer Berg e não podia descer ao porão comunal porque levantaria suspeitas. Certa noite, o prédio foi atingido em cheio, e o adúltero desafortunado, que estava sentado em um sofá, foi soterrado até o pescoço por escombros. Após o ataque, um menino chamado Erich Schmidtke e um trabalhador tcheco, cuja presença ilegal no porão havia sido tolerada, ouviram seus gritos de dor e correram na direção do som. Depois de ter sido desenterrado e levado para tratamento, Erich, de catorze anos, precisou contar à esposa do tal homem que o marido havia sido gravemente ferido no apartamento de outra mulher. Ela explodiu de raiva. O fato de ele ter estado com aquela mulher a perturbou muito mais que o destino do marido. Naquela época as crianças aprendiam dessa forma árdua as realidades do mundo adulto.

O general Günther Blumentritt, como a maioria das autoridades, estava convencido de que os bombardeios na Alemanha produziam uma verdadeira *Volksgenossenschaft*, ou “camaradagem patriótica”. Isso podia ser verdade em 1942 e em 1943, mas, no fim de 1944, ataques só polarizavam radicais e cansados da guerra. Berlim havia sido a cidade com a maior proporção de opositores ao regime nazista, conforme indicam

os registros de votação antes de 1933. No entanto, com exceção de uma minoria pequena e corajosa, a oposição aos nazistas geralmente se limitava a zombarias e a resmungos, e a maioria ficou horrorizada com a tentativa de assassinato contra Hitler em 20 de julho de 1944. Então, como as fronteiras do Reich estavam ameaçadas tanto no leste quanto no oeste, eles recebiam as mentiras de Goebbels de que o Führer lançaria novas “armas maravilhosas” contra seus inimigos como se estivesse prestes a assumir o papel de Júpiter lançando raios como símbolo de seu poder.

Uma carta escrita por uma esposa ao marido em um campo de prisioneiros francês revela a mentalidade aguerrida e a disposição de acreditar na propaganda do regime. “Tenho tanta fé em nosso destino”, escrevia ela, “e nada pode abalar a confiança que nasce de nossa longa história, de nosso passado glorioso, como diz o dr. Goebbels. É impossível que as coisas sejam de outra forma. Podemos estar num ponto muito baixo neste momento, mas contamos com homens resolutos. O país inteiro está pronto para marchar empunhando armas. Temos armas secretas que serão usadas no momento oportuno e temos, sobretudo, um Führer a quem podemos seguir de olhos fechados. Não se deixe abater, você não deve se abater de maneira nenhuma.”

A ofensiva nas Ardenas, iniciada em 16 de dezembro de 1944, embriagou pessoas leais a Hitler com um moral renovado. O jogo, por fim, virava. A crença no Führer e nas *Wunderwaffen*, nas armas milagrosas como o V-2, deixava-as cegas. Espalharam-se rumores de que o 1º Exército dos Estados Unidos havia sido cercado e feito prisioneiro usando um gás anestésico. Acreditavam que seria possível manter o mundo refém e se vingar de tudo o que a Alemanha sofrera. Os sargentos veteranos pareciam alguns dos mais amargurados. Paris estava prestes a ser retomada, diziam um ao outro, eufóricos. Muitos lamentaram que a capital francesa tivesse sido poupada da destruição no ano anterior, ao passo que Berlim fora bombardeada até as ruínas. Exultavam com a ideia de que a história poderia ser corrigida.

O alto-comando do Exército alemão não compartilhava desse entusiasmo com a ofensiva no oeste. Oficiais do Estado-Maior temiam que o golpe estratégico de Hitler contra os norte-americanos nas Ardenas enfraquecesse a Frente Oriental em um momento decisivo. De qualquer forma, o plano era bastante ambicioso. A operação foi

liderada pelo 6º Exército de Panzer SS do Oberstgruppenführer Sepp Dietrich e pelo 5º Exército de Panzer do general Hasso von Manteuffel. No entanto, a falta de combustível tornou extremamente improvável que eles alcançassem a Antuérpia, a principal base de suprimentos dos Aliados ocidentais.

Hitler estava obcecado pelo sonho de reverter o destino da guerra e forçar Roosevelt e Churchill a chegar a um acordo. Rejeitava toda sugestão de abertura à União Soviética – em parte pela razão legítima de que Stálin estava interessado apenas na destruição da Alemanha nazista, mas também por um impedimento maior: sua vaidade extrema. Não podia ser visto pedindo paz quando a Alemanha estava perdendo. Uma vitória nas Ardenas era, portanto, vital. No entanto, a obstinação norte-americana na defensiva, especialmente em Bastogne, e a mobilização maciça do poder aéreo aliado assim que o tempo melhorou romperam com o ímpeto do ataque no período de uma semana.

Na véspera do Natal, o general Heinz Guderian, chefe do alto-comando do Exército (OKH), dirigiu sua Mercedes para o quartel-general do Führer, no oeste. Depois de abandonar o *Wolfsschanze*, ou “Toca do Lobo”, na Prússia Oriental, em 20 de novembro de 1944, Hitler foi para Berlim, pois faria uma pequena cirurgia na garganta. Deixou a capital na noite de 10 de dezembro em seu trem blindado. Seu destino era outro complexo secreto e camuflado na floresta, perto de Ziegenberg, a menos de quarenta quilômetros de Frankfurt am Main. Chamado de *Adlerhorst*, ou Ninho da Águia, foi o último de seus quartéis-generais de campo a ser conhecido por codinomes que exalavam fantasia infantil.

Guderian, o grande teórico da guerra de tanques, conhecia desde o início os perigos de tal operação, mas tinha pouco a dizer sobre o assunto. Embora o OKH fosse responsável pela Frente Oriental, nunca lhe foi dada carta branca. O OKW, alto-comando da Wehrmacht, ou Forças Armadas, era responsável pelas operações fora da Frente Oriental. Ambas as organizações estavam sediadas em complexos subterrâneos contíguos, em Zossen, ao sul de Berlim.

Embora tivesse um temperamento tão irritadiço quanto o de Hitler, Guderian via as coisas de outra perspectiva. Tinha pouca paciência para uma estratégia internacional inteiramente especulativa quando o país

estava sob ataque de ambos os lados. Em vez disso, confiava no instinto de soldado que busca o ponto de perigo máximo. Não havia dúvida de qual era esse ponto. Sua pasta de documentos continha a análise do general Reinhard Gehlen, chefe do Fremde Heere Ost, departamento de inteligência militar da Frente Oriental. Gehlen calculava que, por volta de 12 de janeiro, o Exército Vermelho atacaria intensamente a partir do rio Vístula. Seu departamento estimava que o inimigo tinha uma superioridade de onze para um na infantaria, sete para um em tanques e vinte para um na artilharia e também na aviação.

Guderian entrou na sala de conferências do *Adlerhorst* para se deparar com Hitler e sua equipe militar, e também com Heinrich Himmler, o Reichsführer SS, que, após o complô de julho, também havia sido nomeado comandante do Exército de reserva. Todos os membros de Estado-Maior de Hitler eram selecionados pela lealdade inquestionável. O marechal de campo Keitel, chefe de gabinete do OKW, era famoso por seu servilismo pomposo a Hitler. Oficiais exasperados se referiam a ele como “atendente de garagem do Reich” ou “burro que assente”. O coronel-general Jodl, que tinha um rosto frio e duro, era muito mais competente que Keitel, mas quase nunca se opunha às tentativas desastrosas do Führer de controlar todos os batalhões. Ele quase foi demitido no outono de 1942 por ousar contradizer seu mestre. O general Burgdorf, principal ajudante militar de Hitler e chefe do departamento de pessoal do Exército, que controlava todas as nomeações, substituiu o devotado general Schmundt, morto pela bomba de Stauffenberg no *Wolfsschanze*. Burgdorf foi o homem que entregou o veneno ao marechal de campo Rommel junto ao ultimato para cometer suicídio.

Usando as descobertas do departamento de inteligência de Gehlen, Guderian esboçou a preparação do Exército Vermelho para uma grande ofensiva no leste. Advertiu que o ataque ocorreria em três semanas e solicitou, uma vez que a ofensiva das Ardenas havia cessado, que se removesse o maior número possível de divisões para serem redistribuídas na frente do Vístula. Hitler o deteve. Declarou que tais estimativas da força inimiga eram absurdas. As divisões de rifles soviéticas nunca tiveram mais de 7 mil homens cada. A divisão de tanques deles quase não tinha tanques. “É o maior embuste desde Gengis Khan!”, alterou-se. “Quem é o responsável por produzir todo esse lixo?”

Guderian resistiu à tentação de retrucar que era o próprio Hitler quem falava de “exércitos” alemães quando eles eram do tamanho de um único corpo e de “divisões de infantaria” reduzidas à força de um batalhão. Em vez disso, defendeu os números de Gehlen. Para seu horror, o general Jodl argumentou que a ofensiva no oeste deveria continuar com ataques. Como era precisamente o que Hitler queria, Guderian foi contrariado. Mais provocante ainda foi o fato de, no jantar, ele ouvir o veredicto de Himmler, que se deleitava com seu novo papel de líder militar. Ele havia sido recentemente nomeado comandante de um grupo do Exército no alto Reno, para além de outros títulos que tinha. “Sabe, meu caro coronel-general”, disse a Guderian, “não acredito que os russos vão mesmo atacar. Estão blefando.”

Guderian não teve alternativa senão retornar ao quartel-general do OKH em Zossen. Nesse meio-tempo, as perdas no oeste se acumulavam. A ofensiva das Ardenas e suas operações auxiliares causaram 80 mil baixas alemãs. Além disso, consumiram grande parte das reservas de combustível da Alemanha. Hitler se recusava a aceitar que a batalha das Ardenas fosse sua equivalente ao *Kaiserschlacht*, o último grande ataque alemão da Primeira Guerra Mundial. Rejeitava obsessivamente quaisquer paralelos com 1918. Para ele, 1918 simbolizava apenas a revolucionária “punhalada nas costas” que derrubou o Kaiser e proporcionou à Alemanha a uma derrota humilhante. No entanto, Hitler teve momentos de clareza durante esses dias.

— Sei que a guerra está perdida — disse certa noite ao coronel Nikolaus von Below, seu assessor na Luftwaffe. — A superioridade do inimigo é substancial.

No entanto, continuou culpando os outros pela sequência de desastres. Eram todos “traidores”, especialmente os oficiais do Exército. Suspeitava que muitos outros simpatizavam com os assassinos fracassados, mas ficaram satisfeitos em aceitar medalhas e condecorações dele.

— Nunca vamos nos render — alegou. — Podemos cair, mas levaremos um mundo conosco.

Horrorizado com o novo desastre iminente no Vístula, Guderian voltou ao *Adlerhorst* em Ziegenberg duas vezes em pouco tempo. Para piorar a situação, soube que Hitler, sem avisá-lo, estava transferindo as tropas Panzer SS do Vístula para a Hungria. Hitler, convencido, como

sempre, de que só ele enxergava questões estratégicas, decidiu lançar um contra-ataque ali, alegando que os campos petrolíferos deveriam ser retomados. Na verdade, queria invadir Budapeste, que havia sido cercada pelo Exército Vermelho na véspera do Natal.

A visita de Guderian no Ano-Novo coincidiu com a procissão anual dos nobres do regime e dos chefes de gabinete, que transmitiriam pessoalmente ao Führer seus “desejos de um próspero ano”. Naquela mesma manhã, a Operação Vento Norte, a principal ação subsidiária para prolongar a ofensiva das Ardenas, foi lançada na Alsácia. O dia se mostrou uma catástrofe para a Luftwaffe. Göring, num gesto de sua característica irresponsabilidade, comprometeu quase mil aviões para atacar alvos terrestres na Frente Ocidental. Essa tentativa de impressionar Hitler levou à destruição final da Luftwaffe como força efetiva. Deu aos Aliados a supremacia aérea.

O Grossdeutscher Rundfunk transmitiu o discurso de Ano-Novo de Hitler naquele dia. Não se fez menção aos combates no oeste, o que sugeria um fracasso, e surpreendentemente pouco foi dito sobre as *Wunderwaffen*. Várias pessoas acreditavam que o discurso havia sido gravado ou até mesmo que era falso. Hitler não era visto em público havia tanto tempo que circulavam rumores estranhos. Alguns afirmaram que ele havia enlouquecido de vez e que Göring estava em uma prisão secreta porque tentara fugir para a Suécia.

Alguns berlinenses, temerosos do que o ano traria, não se atreveram a brindar com “*Prosit Neujahr!*”. A família de Goebbels recebeu o coronel Hans-Ulrich Rudel, ás dos Stuka e oficial mais condecorado da Luftwaffe. Sentaram-se para jantar sopa de batata como símbolo de austeridade.

O feriado de Ano-Novo terminou na manhã de 3 de janeiro. A devoção alemã ao trabalho e ao dever permaneceu inabalável, por mais improváveis que fossem as circunstâncias. Muitos não tinham o que fazer nos escritórios e nas fábricas, devido à escassez de matérias-primas e de peças, mas ainda andavam em meio aos escombros ou se locomoviam de transporte público. Mais uma vez, fizeram milagres na reparação dos trilhos do U-Bahn (metrô) e do S-Bahn (bonde), embora poucos vagões tivessem as janelas intactas. Fábricas e escritórios também estavam congelando devido às janelas quebradas e ao pouquíssimo combustível para

aquecimento. As pessoas, resfriadas ou gripadas, tiveram de continuar no batente. Não fazia sentido tentar consultar um médico, a menos que a situação fosse grave. Quase todos os médicos alemães tinham sido enviados para o Exército. Cirurgias e hospitais locais dependiam quase inteiramente de estrangeiros. Até mesmo o principal hospital universitário de Berlim, o Charité, contava em sua equipe com médicos de mais de meia dúzia de países, incluindo Holanda, Peru, Romênia, Ucrânia e Hungria.

A única indústria que parecia florescer era a de armamentos, dirigida pelo arquiteto pessoal de Hitler e *Wunderkind*, Albert Speer. Em 13 de janeiro, Speer fez uma apresentação aos comandantes do Exército no campo de Krampnitz, nos arredores de Berlim. Enfatizou a importância do contato entre os comandantes da frente e as indústrias de guerra e, ao contrário de outros ministros nazistas, não insultou a inteligência do público. Desprezava eufemismos sobre a situação e não evitava mencionar as “perdas catastróficas” sofridas pela Wehrmacht nos últimos oito meses.

A campanha de bombardeio dos Aliados não era o problema, argumentava Speer. Somente em dezembro, a indústria alemã produziu 218 mil fuzis – quase o dobro da produção média mensal de 1941, ano em que a Wehrmacht invadiu a União Soviética. A fabricação de armas automáticas aumentou quase quatro vezes e a produção de tanques subiu quase cinco vezes. Em dezembro de 1944, eles produziram 1.840 veículos blindados em um único mês, mais da metade do que fizeram em todo 1941. Isso incluía também tanques muito mais pesados. “O problema maior”, advertiu, “era a falta de combustível”. Surpreendentemente, falou pouco sobre as reservas de munição. Não fazia sentido fabricar todas aquelas armas se a produção de munições não acompanhasse o ritmo.

Speer discorreu por mais de quarenta minutos, desfiando suas estatísticas com sóbrio profissionalismo. Não insistiu no fato de que foram as derrotas maciças nas frentes oriental e ocidental dos oito meses anteriores que reduziram a Wehrmacht a tal escassez de todos os tipos de armas. Ele externou a esperança de que as fábricas alemãs pudessem atingir um nível de produção de 100 mil metralhadoras por mês até a primavera de 1946. O fato de essas empresas dependerem em grande

parte de trabalhadores escravizados subjugados pela SS não foi mencionado, como era de esperar. Speer também não comentou sobre os milhares de mortes por dia. E os territórios de onde eles vinham estavam prestes a encolher ainda mais. Naquele exato momento, os exércitos soviéticos, com mais de 4 milhões de homens, se concentravam na Polônia, ao longo do rio Vístula, e ao sul da fronteira com a Prússia Oriental. Davam início à ofensiva que Hitler descartara como sendo uma impostura.

CRÍTICA